

NEUROCIÊNCIAS: A FILOSOFIA E O NOVO STATUS DO INCONSCIENTE

Marcos H. Camargo¹

RESUMO: este artigo reúne autores da neurociência e ciências cognitivas, para tecer um breve panorama sobre recentes avanços científicos de suas áreas de pesquisa. Discorreremos sobre novas concepções acerca da entrada de dados pelos órgãos dos sentidos, as consequências emocionais da interocepção e da percepção, além das atribuições das esferas do inconsciente e da consciência. A quantidade de informações ambientais e internas que segue para o inconsciente selecionar, desabilita ao menos duas crenças tradicionais: a falta de qualidade das informações disponibilizadas pelos sentidos físicos e a obscuridade do inconsciente, que se acreditava ser um vasto abismo de traumas e instintos grosseiros. Essas recentes abordagens da neurociência também habilitam a estética como fundamento da cognição humana, indispensável para a formação do pensamento e da ação.

PALAVRAS-CHAVE: inconsciente; consciência; pensamento; estética.

NEUROSCIENCE: THE PHILOSOPHY AND THE NEW STATUS OF THE UNCONSCIOUS

ABSTRACT: *this article brings together authors of neuroscience and cognitive sciences, to weave a brief overview of recent scientific advances in their research areas. We discuss new conceptions about the entry of data by the organs of the senses, the emotional consequences of interception and perception, in addition to the attributions of the spheres of the unconscious and consciousness. The amount of environmental and internal information that goes to the unconscious to select, disables at least two traditional beliefs: the lack of quality of the information provided by the physical senses and the obscurity of the unconscious, which believed to be a vast abyss of blunt trauma and instincts. These recent approaches to neuroscience also enable aesthetics as the foundation of human cognition, indispensable for the formation of thought and action.*

KEY WORDS: unconscious; consciousness; thought; aesthetics.

NEUROCIENCIA: FILOSOFÍA Y EL NUEVO ESTADO DEL INCONSCIENTE

¹ Especialista em História do Pensamento Contemporâneo (PUC-PR, 1987). Especialista em Economia e Sociologia (PUC-PR, 1988). Mestre em Comunicação e Linguagens (UTP, 2003). Doutor em Artes Visuais (IAR-UNICAMP, 2010). Pós-doutor pela Escola de Comunicação (UFRJ, 2015). Professor de Graduação de Jornalismo, Relações Públicas e Publicidade (UTP, 2004-2006). Professor de Graduação em Cinema e Audiovisual, Artes Cênicas, Música e Dança (Campus de Curitiba II – UNESPAR, desde 2006). Coordenador do Curso de Graduação em Cinema e Audiovisual (2011-2013). Chefe da Divisão de Pesquisa e Pós-Graduação do Campus de Curitiba II (UNESPAR, 2014-2018). Professor de Pós-graduação stricto sensu do Mestrado Profissional em Artes (Campus de Curitiba II, UNESPAR, desde 2018). Autor do livro: *Cognição estética: o complexo de Dante*. São Paulo: Annablume, 2013; e do livro: *Formas diabólicas: ensaios sobre cognição estética*. Londrina: Syntagma, 2017. marcoscamargo@yahoo.com.br

RESUMÉN: *Este artículo reúne a autores de neurociencia y ciencias cognitivas, para tejer una breve visión general de los avances científicos recientes en sus áreas de investigación. Hablamos de nuevas concepciones sobre la entrada de datos por parte de los órganos de los sentidos, las consecuencias emocionales de la interocepción y la percepción, además de las atribuciones de las esferas del inconsciente y la conciencia. La cantidad de información ambiental e interna que sigue a la selección inconsciente, deshabilita al menos dos creencias tradicionales: la falta de calidad de la información proporcionada por los sentidos físicos y la oscuridad del inconsciente, que se creía que era un vasto abismo de traumas e instintos groseros. Estos enfoques recientes de la neurociencia también permiten la estética como base de la cognición humana, indispensable para la formación del pensamiento y la acción.*

PALABRAS CLAVE: inconsciente; conciencia; pensamiento; estética.

Novos conhecimentos acerca da anatomia do cérebro nos compelem a crer que a afetividade não é apenas necessária para alcançar o conhecimento, mas também se encontra na base de cada tomada de decisão.

Lisa Feldman Barrett

Processamento de informações

Para Grerory Bateson, antropólogo americano, a “informação é a diferença que faz diferença.” Em outras palavras, todo conhecimento só pode ser o conhecimento das diferenças, pois uma sequência de sinais idênticos não produz informação. Nesse caso, conceitos que buscam pela identidade, *pluribus unum*, representa uma simplificação falsificadora do mundo.

A todo tempo alcançam os nossos sentidos milhões de bits de informação, boa parte dos quais enviados ao cérebro para processamento. Mas, a capacidade cerebral é menor do que o volume de dados que o mundo disponibiliza, de modo que certa quantidade de informações não é absorvida ou é descartada. A parte utilizável das informações é processada pelo inconsciente, pois a consciência não lida diretamente com informações, mas com o juízo que distingue o valor das informações, de acordo com as regras sociais vigentes na comunidade em que o indivíduo está inserido. (NORRETRANDERS, 1998, p. 127)

Como quase toda produção de pensamento é realizada pelo inconsciente, a consciência pode então funcionar como um fecho de luz em um ambiente escuro. Só nos tornamos conscientes de algo quando lhe dirigimos a atenção, de modo intencional. Quando o fecho de luz (a consciência) se volta para outro lado, o ponto anteriormente iluminado se obscurece novamente, retornando à sua condição inconsciente. Por exemplo: se estou com água no fogo para fazer café e vou procurar em qual gaveta deixei a receita para comprar o remédio prescrito pelo médico, posso me tornar inconsciente da fervura da água e me surpreender com as borbulhas espirrando sobre o fogão. Se extrapolarmos essa experiência cotidiana para toda nossa atividade diária, vamos perceber que estamos conscientes bem menos tempo do que julgamos, na maior parte de nossa vida estamos girando em modo inconsciente.

A própria ideia de consciência também sofreu suas transformações ao longo do tempo. Ela deixou de ser aquela parte nobre da mente em que pensadores, filósofos e cientistas se ancoravam para explicar a superioridade de seus raciocínios, sua criatividade e capacidade de discernimento.

A consciência não é uma instância superior que direciona mensagens a seus subordinados no cérebro. A consciência é uma instância de juízo, que escolhe e seleciona entre as várias opções oferecidas pelo inconsciente. A consciência funciona descartando sugestões propostas pelo inconsciente, rejeitando opções. Uma noção de consciência como instância de veto parece bem apropriada. (NORRETRANDERS, 1998, p. 243)

O que as neurociências entendem hoje por consciência diz respeito a uma parte do cérebro encarregada de filtrar a criatividade do inconsciente, cujas opções produzidas para defender a vida do corpo geralmente não levam em conta eventuais prioridades de cunho moral ou social. A consciência entra em ação para julgar, descartando ou implementando ações sugeridas pelo inconsciente, conforme as regras de comportamento da comunidade à qual o indivíduo pertence. Como animais eminentemente sociais, os humanos têm de levar em conta o coletivo, quando agem em benefício pessoal.

Embora a consciência seja um mecanismo de veto, ela só pode censurar induções das quais esteja consciente. Há muitas situações cotidianas, em que o veto consciente não é eficaz ou mesmo nem sequer é considerado, especialmente quando o inconsciente sabe da urgência requerida para aquele impulso espontâneo.

Em quaisquer atividades humanas, quando os atores operam seus objetos de interesse de modo automático, não é a consciência que lida com a situação, mas os diversos níveis inconscientes que estão pensando e agindo, sem que os atores tenham ciência plena do que fazem. Quando a consciência foca na ação presente, em certos casos pode levar a pessoa a erros, por conta da lentidão de seu julgamento para dar conta dos fatores envolvidos. A totalidade do indivíduo humano é muito maior do que imagina seu “eu” consciente.

Sabemos que Jacques Lacan, em sua obra *O Seminário*, afirmou que o inconsciente é estruturado como uma linguagem. Porém, há muita confusão na interpretação desse conceito lacaniano, especialmente quando o inconsciente é visto como um sucedâneo da língua, entregando à palavra o monopólio de acesso às suas instâncias. Ser “estruturado como linguagem” não habilita uma comparação direta com a gramática. Exemplo disso é que o inconsciente pode ser abordado por todas as linguagens da cultura, além da verbal.

Contra a afirmação de Franz Blei (1871-1942), de que “só é possível pensar com palavras”, opõem-se os matemáticos, músicos, pintores ou físicos teóricos, como Albert Einstein – que alegava pensar por imagens. Essas pessoas sempre afirmaram desenvolver suas atividades criativas sem o uso exclusivo de palavras, mas com várias formas cognitivas. Portanto, o pensamento inconsciente e/ou consciente, não está necessariamente estruturado de modo verbal. Arthur Schopenhauer chegou a dizer que “os pensamentos morrem quando são incorporados pelas palavras.” (SACKS, 1989)

Imaginar, então, que os pensamentos são trazidos à consciência somente quando encontram uma correspondência verbal, não parece coincidir com os mais recentes avanços das neurociências. As informações processadas pelo cérebro e transformadas em pensamentos, ainda no inconsciente, não pagam pedágio à linguagem verbal para cruzar a cancela que os leva à consciência. De modo que os pensamentos podem ser constituídos tanto de informações processadas pela lógica das linguagens da cultura, quanto esteticamente.

Da mesma forma como as palavras interpretam parte de nosso pensamento consciente, outras linguagens também processam interpretações não-verbais. Este é o caso da leitura de imagens. A maior parte das informações processadas pelo cérebro são visuais, mesmo não enxergando o mundo tal como ele é.

Não vemos o que percebemos. Vemos o que pensamos ver. Nosso cérebro nos apresenta uma interpretação, não os dados primários. Bem antes da representação visual, o processamento inconsciente de informações já descartou muitos dados considerados irrelevantes, de modo que o que vemos é uma simulação, uma hipótese, uma interpretação que não estamos livres para escolher. (NORRETRANDERS, 1998, p. 187)

Embora nossos sentidos se encontrem em contato com o mundo real, eles só nos oferecem informações limitadas às suas capacidades afetivas. Além disso, o inconsciente ainda descarta um sem-número de dados para trabalhar somente com informações relevantes para a homeostase de corpo. Contudo, qualquer sensação ou experiência percebida pelo corpo está baseada em um imenso volume de decisões, descartes e interpretações que ocorrem antes de nos tornarmos conscientes do que estamos vivenciando.

Por esses motivos, acreditar que as palavras, duplamente distantes do mundo real (por serem criações da cultura e formadas por pensamentos obtidos de percepções limitadas), são constituintes exclusivas do pensamento, só pode ser ingenuidade ou dogmatismo.

Origens dos sentimentos

Os primeiros humanos que criaram o princípio de que devemos tratar os outros como desejamos que eles nos tratem formularam esse preceito com a ajuda daquilo que sentiam quando eram maltratados, ou do que viram quando presenciaram maus-tratos a terceiros. A lógica teve seu papel, pois foi aplicada a fatos, é claro; porém, alguns dos fatos cruciais foram sentimentos. (DAMASIO, 2018, p. 25)

Sentimentos de sofrimento ou de júbilo, assim como os afetos relacionados a desejos fundamentais, como fome, sexo, medo, raiva, dentre outros, certamente foram os motivadores primordiais para a criatividade que produziu a cultura.

Afetos e sentimentos são consequências da capacidade humana de perceber tanto o mundo externo (percepção), como o interno (interocepção), traduzidos em imagens cerebrais, constituídas de informações capturadas por órgãos especializados na detecção de diferentes sinais, como visuais, auditivos, táteis, olfativos e gustativos. Porém, nenhum dos cinco sentidos produz sozinho uma descrição completa dos ambientes interno e externo, cabendo ao cérebro a função de integrar as várias informações, formando então uma imagem sinestésica de uma coisa ou evento.

Apesar de sua origem natural, relativa à vida do corpo humano no mundo, as emoções (e os sentimentos) também são socialmente construídas. Seus processos fisiológicos se servem de significados (valores) desenvolvidos pela cultura de cada sociedade, para comunicar pensamentos e atitudes em meio aos membros de uma coletividade.

Sentimentos simples de prazer e desprazer, que ocorrem permanentemente dentro de nós, são classificados como ‘interocepção’, advindos de todas as sensações de nossos órgãos e tecidos internos. Pensem no que acontece dentro de nosso corpo neste exato momento: nosso interior está em movimento. O coração envia sangue para os órgãos, o pulmão se enche e se esvazia de ar, o estômago digere a comida, os músculos se movem. Essas e outras atividades interoceptivas produzem um conjunto de sentimentos básicos, desde os prazerosos até os desagradáveis, da calma à agitação ou a indiferença. A interocepção é um dos principais ingredientes da emoção, desde as mais simples até as complexas experiências da alegria e da tristeza, geralmente forjadas na convivência social. (BARRETT, 2017, p. 56/57)

Erroneamente, as emoções ainda são consideradas reflexos brutais, quase sempre em conflito contra nossa racionalidade. Esse tipo de guerra interna entre as emoções e a razão é uma das grandes narrativas da cultura ocidental, que nos define como humanos: sem racionalidade não seríamos mais do que bestas emocionais. Essa visão das emoções está conosco há milênios, tendo suas versões em Platão, Aristóteles, Descartes, Freud, Darwin. Até hoje, proeminentes cientistas ainda a defendem, como Steven Pinker, Paul Ekman e até mesmo o Dalai Lama. Essa noção clássica se encontra na maioria dos livros e cartilhas sobre psicologia, enquanto revistas e jornais ainda publicam artigos baseados nessas crenças antigas.

Emoções não são desvios temporários da racionalidade. Emoções não são forças primitivas que nos invadem sem nosso consentimento – não são *tsunamis* que levam destruição pelo seu caminho. As emoções também não são reações ao mundo, mas nossas construções de mundo. Emoções não estão mais fora de controle, do que os pensamentos ou as memórias. De fato, nós construímos várias experiências e ações, sobre as quais temos um controle mais ou menos precário.

Uma das grandes consequências da crença na incompatibilidade entre razão e emoção está em nosso sistema legal, que se baliza por um padrão de ‘pessoa razoável’, submissa às normas de sua sociedade, conformada à realidade social de sua cultura. Advogados de defesa geralmente lutam contra essas normas. Consideremos o argumento legal do calor da paixão: uma pessoa razoável cometeria um crime se fosse muito provocada, sem chance de esfriar a cabeça?

O padrão de pessoa razoável, segundo as normas sociais, não está meramente refletido na ordem social, mas foi criado por leis artificiais aprovadas por consenso legislativo – embora não exista um “ser humano consensual”. No entanto, fica definido: “este é o modo como esperamos que uma pessoa razoável aja em sociedade, e nós a puniremos se ela não se conformar.”

Trata-se de um contrato social, um guia para o comportamento de uma pessoa ‘média’, numa população diversificada de indivíduos singulares. E como todas as médias, uma pessoa razoável é uma ficção que não se aplica a nenhum ser humano em particular. É um estereótipo que incorpora antigas crenças sobre as percepções e expressões emocionais, que fazem parte da visão clássica sobre a natureza humana. (BARRETT, 2017, p. 225)

Quando tentam compreender os estranhos detalhes do comportamento humano, os psicólogos e até os economistas às vezes apelam para uma ideia de “processo duplo”. Segundo essa ideia, o cérebro contém dois processos distintos, um deles é rápido, automático, que age por trás das cortinas da consciência, enquanto o outro é lento, crítico e consciente. O primeiro processo pode ser rotulado como automático, implícito, heurístico, intuitivo, holístico, reativo e impulsivo, enquanto o segundo processo é crítico, sistemático, explícito, analítico, reflexivo e baseado em regras. Segundo a velha crença, esses dois processos estariam sempre em conflito.

Embora haja muito mais complexidades envolvidas nesses dois processos, para efeito didático vamos utilizar de termos familiares, nominando-os de sistema racional e sistema emocional. De modo geral, o sistema racional se preocupa em analisar as coisas do mundo exterior, enquanto o sistema emocional monitora os estados internos.

O sistema emocional é evolucionariamente mais antigo do que o sistema racional. Mas como os pesquisadores têm observado, a novidade do sistema racional não indica necessariamente que ele seja de algum modo superior ao sistema emocional. As sociedades humanas não seriam melhores se todos seus indivíduos fossem como o Sr. Spock, personagem da série televisiva norte-americana “Jornadas nas Estrelas”.

Por outro lado, o sistema emocional é indispensável para priorizar as eventuais ações a serem tomadas no mundo exterior. Se fôssemos um robô desprovido de emoções e entrássemos em uma sala, poderíamos analisar tudo o que há ali, mas paralisaríamos indecisos sobre o que fazer em seguida. As escolhas que orientam nossas ações emergem de nosso estado interior. Vale dizer que nossa

intencionalidade, um tema caro aos filósofos e psicólogos, nasce de nossas entranhas inconscientes, antes de se vestir com a roupagem de uma argumentação lógica. (EAGLEMAN, 2011, p. 111)

A intencionalidade, agora compreendida como um impulso nascido do sistema emocional, se relaciona com o que os neurocientistas têm entendido recentemente acerca da consciência. Para esses pesquisadores, a consciência funciona como um diretor executivo de uma empresa, planejando os direcionamentos e ordenando novas tarefas. A consciência não precisa estar ciente de todas as rotinas automatizadas que o cérebro utiliza, deve apenas saber que recursos utilizar e quando acessá-los. Enquanto as sub-rotinas zumbis funcionam automaticamente, a consciência se mantém à parte. Ela só é acionada quando algo dá errado. Nos casos em que o corpo ou o ambiente se alteram para além das situações automaticamente previstas, a consciência se desperta para gerir os casos que violam as expectativas, buscando soluções que possam resolver a questão.

De um ponto de vista evolucionário, o propósito da consciência, especialmente entre os humanos, é permitir um comportamento flexível o suficiente para criar e intercambiar novas rotinas de ação. Mas há um alto preço a pagar pela consciência. Famílias humanas normalmente têm um só filho por vez, porque precisa provê-lo de cuidados por muito mais tempo do que filhotes de outras espécies – o corpo humano não nasce pronto, especialmente pelo custo biológico de nosso cérebro.

No entanto, a vantagem de se ter uma consciência supera seus custos biológicos. Imaginemos uma relação presa-predador, num ambiente natural: se os humanos tivessem apenas sub-rotinas zumbis para gerir o corpo e lidar com o ambiente, um predador poderia reconhecer nosso comportamento e nos capturar facilmente. Pelo fato de termos uma consciência que gera e gerir novas sub-rotinas, a flexibilidade cerebral nos torna imprevisíveis aos predadores.

Originária dos sentimentos, a intencionalidade tem a ver com o papel desempenhado pela consciência, que não existe para garantir a previsibilidade, mas para lidar com a imprevisibilidade dos mundos interno e externo.

Novas abordagens sobre a consciência

Se levamos em consideração os últimos desenvolvimentos da neurociência e das ciências cognitivas, aquilo que entendemos como ‘consciência’ tornou-se a última parte do cérebro a se desenvolver na espécie *Homo sapiens*. Assim dizendo, parece não haver surpresas com essa afirmação. Contudo, estudos recentes de neurocientistas renomados (Michael Gazzaniga, James Maxwell, Tor Norretranders, Julian Jaynes) colocam o despertar da consciência aqui, muito próximo de nós, a cerca de alguns milhares de anos. (NORRETRANDERS, 1998, p. 310)

A origem da consciência tem seu processo histórico, que pode ser traçado a partir de evidências que sobreviveram das antigas civilizações. Explica Julian Jaynes, em seu livro *The origin of consciousness in the breakdown of the bicameral mind* (1976), que a consciência não é tão essencial para o funcionamento de nosso corpo, como se pensa. Antes da existência do que hoje entendemos por consciência, nossa espécie já experimentava estrutura social, tecnologia e linguagem, embora a percepção de si próprio ainda fosse limitada. Na cabeça das pessoas não havia uma atividade reflexiva interna e independente. O que vulgarmente chamamos de ‘voz da consciência’ era entendida no passado como uma voz externa, alegadamente de deuses, levando as pessoas a agirem de acordo com o que acreditavam ser comandos divinos.

Nessa época não havia noção de livre arbítrio, pois mulheres e homens não eram conscientes do que de fato eram. No entanto, como puderam essas pessoas ter construído cidades, navios, estradas, instrumentos, sem noção de consciência?

A maior parte de nossa cognição somática opera inconscientemente, sem a supervisão da consciência ou sequer sua anuência. Então, para que serve a

consciência e como ela surge das intrincadas atividades do corpo? Os pensamentos e as imagens conscientes são o resultado de um progressivo processo de explicitação de significados e decisões que têm suas origens nas regiões escuras, profundas e viscerais do cérebro e do corpo. Pensamentos são narrativas construídas pelo corpo-cérebro sobre o que está acontecendo em suas secretas profundezas – notícias do interior, às vezes bem editadas e censuradas, que chegam por pombo-correio depois de concluída a ação. Pesquisas demonstram que nossa consciência é frequentemente um pálido reflexo, mesmo uma crua caricatura, das sofisticadas operações que ocorrem “atrás do palco”. (CLAXTON, 2015, p. 7)

Mesmo que pareça algo estranho, não é difícil imaginar um contexto em que se age sem o concurso da consciência. Pensemos em nossa ida ao trabalho, usando o meio de transporte costumeiro, por uma rota que cruzamos todos os dias. Movemo-nos em meio ao tráfego, praticamente sem pensar nele, enquanto imaginamos o que deveremos fazer quando chegarmos ao local de trabalho. Por assim dizer, o transporte toma conta de si próprio, de modo que temos bastante tempo para vagar com nossa mente, enquanto nossas pernas e braços realizam automaticamente os movimentos. Embora não estejamos completamente fora de contato com o tráfego no caminho, nossa mente está em outras coisas.

Participamos de muitas atividades sem que prestemos atenção a elas, porque nossa consciência está em outro lugar. Agora, basta subtrair a consciência do processo descrito acima para entendermos como funcionava a cabeça do homem antigo. Precisamente porque podemos pensar em outra coisa enquanto fazemos algo, nossa consciência não tem lá muita importância para o funcionamento normal de nosso corpo. Se a consciência fosse tão imprescindível não conseguiríamos pensar em outra coisa, exceto naquilo que estamos fazendo. Ou, visto de outro modo: porque o corpo não cessa de funcionar enquanto dormimos, se nesse estado não temos consciência do que ocorre?

Desse modo, o ser humano sem consciência é exatamente como nós próprios, sem um fluxo de pensamentos aleatórios. A única diferença ocorre quando algo inesperado ou ameaçador acontece diante de nós: um engarrafamento do tráfego. Nesses casos somos forçados a prestar atenção, portanto, estar conscientes do que está à frente e buscar por soluções para resolver o problema. Por sua vez, milhares de anos atrás o humano esperaria por instruções dos deuses, uma voz interna que lhe diria o que fazer, como agir frente ao problema.

Os deuses, sugere Jaynes, eram um mero efeito colateral da evolução da linguagem. A voz dos deuses se refere à conversa interna que travamos conosco mesmo, desde que a linguagem começou a nomear as coisas do mundo. Com o passar do tempo, as civilizações começaram a sentir que “os deuses nos haviam abandonado”, já que as pessoas começaram a perceber que a voz que falava com elas emergia de suas próprias entranhas cerebrais.

Na medida em que a sociedade humana vai se organizando e as relações entre as pessoas vão se tornando mais complexas nas cidades nascentes, a noção do “eu” começa a surgir. Carl G. Jung considera o grande poema *Odisseia*, de Homero, como um documento fundamental para a compreensão da origem da consciência. A história do rei Odisseu, de Ithaca, desde sua participação na Guerra de Troia até sua viagem de volta para casa, pode ser interpretada como a trajetória de sua fuga do mundo da inconsciência, até alcançar segundo seus próprios esforços, o prêmio da consciência de si. Com o nascimento da noção de herói (ator humano que substitui os deuses), nasce também a ideia de ego. Enxergar e distinguir o herói em sua aventura é o primeiro aprendizado sobre a individuação – o nascimento da consciência reflete o surgimento do indivíduo.

Quando a ideia de consciência de si se estabelece no mundo greco-romano, a partir da noção de individuação do herói, cantada em versos e trovas pelos poetas e bardos, outro fenômeno cultural vem reforçar o conceito de individualidade, na alvorada do ocidente: o judaico-cristianismo.

Além do conceito fundante do monoteísmo, que obrigou ao reconhecimento da individualidade de um deus dotado de extremo poder, os textos dos apóstolos cristãos vão incentivar o reconhecimento da consciência, pregando a individuação das pessoas comuns, condição até ali atribuída somente a deuses, heróis e pessoas excepcionais.

No evangelho de João (10:34), atribui-se a Jesus de Nazaré a afirmação de que “vós sois deuses!” Ou seja, a partir dali cada um dos cristãos se torna um indivíduo consciente de si e responsável pelos seus atos, momento em que nasce o conceito de livre-arbítrio, que vai ordenar toda a legislação dos países ocidentais.

A consciência e a individuação, nascidas entre os gregos, cultivadas pela filosofia clássica e incentivadas pelo judaico-cristianismo, são emergências psicossociais relativamente recentes na sociedade ocidental. Nos dois mil anos seguintes, a face humana refletida na cultura substitui o mistério divino, retira a voz dos deuses das cabeças, para preenchê-las com a racionalidade iluminista da ciência dos homens.

Desse processo provém a grande importância que se deu à consciência, na maioria dos sistemas filosóficos.

O novo status do inconsciente

Perdemos a conta do número de pesquisas publicadas desde há cinquenta anos, demonstrando que as pessoas não são atores racionais. Não há como neutralizar as emoções a partir de pensamentos racionais, porque nossos estados fisiológicos estão na base de qualquer percepção ou pensamento – a emergência da interocepção e dos afetos não pode ser censurada pela razão. Mesmo quando nos imaginamos racionais, nossa fisiologia aliada aos afetos está lá, sob a superfície, rindo de nossa pretensão.

Nós, humanos, acreditamos por muito tempo que a racionalidade nos fez mais especiais entre os animais da natureza. Esse mito é uma das narrativas mais acalentadas pelo pensamento ocidental, segundo a qual a mente humana é um campo de batalha em que a razão e a emoção, que lutam desde sempre entre si pelo controle de nossos pensamentos e comportamentos.

A origem desse mito está tão bem estabelecida que vários cientistas elaboraram um modelo de cérebro baseado nessa crença. Acreditou-se até recentemente que os circuitos subcorticais destinados à sobrevivência seriam, alegadamente, herdados dos répteis. Sobre esses circuitos ‘reptilianos’ localizar-se-ia o campo das emoções, conhecido como ‘sistema límbico’ que, supostamente, herdamos dos mamíferos. Sobre essas ‘camadas evolutivas’ pairaria o córtex exclusivamente humano, que permitiria o advento do pensamento abstrato da razão. Esse modelo ideológico, às vezes chamado de ‘cérebro trino’, provou-se um dos enganos mais embaraçosos sobre a biologia humana, pelo simples fato de que essas mesmas divisões cerebrais são encontradas no sistema nervoso de todos os vertebrados.

O cérebro humano está anatomicamente estruturado, para que nenhuma decisão ou ação esteja livre da interocepção e dos afetos que se comunicam com o inconsciente, não importando a ficção em que as pessoas acreditam sobre quão racional elas sejam.

A primeira coisa que aprendemos quando estudamos a circuitaria do cérebro é uma lição muito simples: a maior parte do que fazemos, pensamos e sentimos não se encontra sob o controle de nossa consciência. A vasta selva de neurônios opera seus próprios programas. O consciente ‘eu’ que acorda pela manhã é a menor parte do que se processa em nosso cérebro. Embora dependamos das funções do cérebro para processar nossa vida interna, ele roda seu próprio programa. Muitas dessas operações ocorrem sob a tranquila claridade de nossa consciência, onde o ‘eu’ não tem direito

de entrar. (...) Nossa consciência se parece com um turista em um navio transatlântico, dando-se crédito pela viagem, sem conhecer nada sobre a intrincada maquinaria que age sob seus pés. (EAGLEMAN, 2011, p. 4)

Consideremos as atividades que caracterizam uma nação, num dado momento. As fábricas movem suas linhas de produção, as telecomunicações contatam pessoas, os negócios geram produtos, pessoas comem. Num grande pedaço de terra, policiais caçam bandidos, apertos de mão selam acordos, namorados se amam, atendentes acolhem pessoas, professores ensinam, atletas competem, médicos operam, motoristas conduzem passageiros. Poderíamos querer saber sobre tudo o que ocorre nessa grande nação, mas não temos condições de considerar todas as informações ao mesmo tempo. Esse eventual controle também não seria útil, porque não teríamos a velocidade exigida para administrar todos os fatos a um só tempo. Mais eficiente é lidar com um sumário, um resumo. Nesse caso, lemos um suscinto jornal, que nos dá notícia sobre a maior parte do que ocorre no país. Nossa consciência é esse ralo jornal. (EAGLEMAN, 2011, p. 6)

Enquanto nosso cérebro ferve com atividades, tal como uma nação inteira, quase tudo é operado localmente: grupos de neurônios estão constantemente tomando decisões e enviando mensagens a outros grupos. Dessas interações locais emergem grandes coalisões em áreas cerebrais. Enquanto a consciência lê uma notícia em seu pequeno jornal, importantes ações já foram desencadeadas e relações já foram feitas pelo inconsciente.

Como um bom drama, o cérebro humano roda em conflito. Em uma linha de produção ou num gabinete de ministros, cada trabalhador é um especialista em certas tarefas. Em contraste, partidos em uma democracia têm diferentes opiniões acerca das mesmas questões – e a parte mais importante do processo é a batalha para tomar as rédeas do governo. O cérebro funciona como as democracias representativas. Ele foi construído com múltiplas e sobrepostas especializações que competem sobre diferentes escolhas. Como disse corretamente Walt Whitman, cada um de nós hospeda multidões dentro de si. E essas multidões estão engajadas numa batalha interminável. (EAGLEMAN, 2011, p. 107)

Existe uma constante conversação entre as diferentes partes do cérebro, cada qual competindo pelo controle de uma simples parcela de nosso comportamento. Como resultado desse conflito natural, às vezes nos vemos questionando-nos intimamente, acusando-nos ou felicitando-nos por ter feito alguma coisa – interocepções e reflexões que nenhum computador ou robô poderia realizar.

Quando alguém em uma festa nos oferece uma fatia de bolo de chocolate, por vezes nos colocamos em sério dilema: partes de nosso cérebro está envolvida no processo de armazenar as ricas energias do açúcar, enquanto outras partes preocupam-se com as consequências, como a saúde de nosso coração ou a silhueta. O voto final do parlamento cerebrino determina que partido irá controlar nosso governo.

Essa multidão interna deriva do fato de que os cérebros – seja de um camundongo ou de um humano – são máquinas feitas de partes conflitantes. Consideremos um júri de doze estranhos com opiniões diferentes, engajados na tarefa de chegar a um consenso. Os jurados debatem, enfrentam-se, influenciam-se, até chegarem a um veredito e tomar uma decisão.

A biologia de nosso cérebro sempre soube que jamais existiu uma única verdade a perseguir. Caso nosso cérebro tivesse apenas um único módulo deliberativo, um “eu” indiviso que submetesse as áreas cerebrais a uma única decisão, a ausência do conflito impediria uma atitude mais sábia, conduzindo-nos ao insucesso como espécie – há muito estaríamos extintos. Nosso cérebro pode ser mais bem compreendido quando o vemos como um time de rivais. Mas, rivais que competem para um mesmo objetivo: o sucesso do próprio corpo. (EAGLEMAN, 2011, p. 109)

O cérebro vidente

Antes de falarmos: “acabei de ter uma ideia!”, nosso cérebro já despendeu um grande esforço para produzir e enviar à consciência aquele rasgo de gênio. Quando uma boa ideia vem à consciência, nossa circuitaria neural já trabalhou por horas, às vezes dias, consolidando informações e tentando novas combinações funcionais.

Tal como aqueles antigos faraós mumificados, o cérebro vive numa “tumba” dentro do crânio, silenciosa e escura. O cérebro não pode sair do crânio e aproveitar as maravilhas do mundo de forma direta. Ele precisa aprender o que está acontecendo por meios indiretos, com as migalhas de informações provenientes de luzes, vibrações sonoras, solavancos mecânicos e fenômenos químicos, que se transformam em sinais perceptíveis. O cérebro precisa entender o significado de todas aquelas sensações, tendo como pista suas experiências anteriores, que foram construídas como simulações internas, a partir de uma vasta rede de conexões neuronais.

Nosso cérebro aprendeu que uma simples pista sensorial, tal como um estouro barulhento, pode ter causas muito diferentes, como uma porta que se bate, um balão que estoura, uma palmada ou um tiro. Ele distingue qual dessas diferentes causas é mais relevante e provável, segundo os diferentes contextos que se apresentam. De acordo com uma combinação entre as experiências passadas, a que mais se assemelha àquela dada situação pode ser a correta.

E assim, prisioneiro dentro do crânio, com apenas experiências passadas como guia, nosso cérebro faz previsões. Quando nos referimos a previsões sobre o futuro, pensamos se irá chover amanhã ou qual será o time de futebol que irá vencer, ou ainda se vamos encontrar essa ou aquela pessoa em determinado local.

O cérebro se preocupa em realizar previsões em escala microscópica, na medida em que milhões de neurônios conversam entre si. Essa comunicação neural tenta antecipar cada fragmento de sinal, som, aroma, gosto e tato que eventualmente iremos experimentar, cada ação que eventualmente tomaremos. Essas previsões são nossas melhores apostas sobre o que está acontecendo no mundo em nossa volta, e como lidar com isso de modo a nos manter vivos e seguros. (BARRETT, 2017, p. 58/59)

Por meio da previsão, nosso cérebro constrói o mundo que experimentamos. Ele combina impressões e interações de nossas experiências passadas e calcula como cada elemento pode ser aplicado numa situação corrente. Por exemplo, quando lemos as palavras de um texto, o cérebro forma o conteúdo já prevendo a próxima palavra a ser lida. Ele se baseia em probabilidades retiradas de tudo o que já lemos anteriormente. Agora mesmo, esta experiência de leitura já foi prevista pelo nosso cérebro. Previsões são atividades tão fundamentais para nosso cérebro que muitos cientistas as consideram o modo mais primitivo de operação cerebral.

Nossos cérebros usam a previsão para iniciar movimentos de nosso corpo, tal como elevar o braço para pegar uma fruta ou pular para longe à vista de uma cobra. Essas previsões ocorrem antes de termos qualquer intenção ou deliberação consciente sobre o movimento de nosso corpo. Neurocientistas e psicólogos chamam a isso de “ilusão do livre arbítrio”. Mas essa ilusão não significa que nosso cérebro está agindo pelas nossas costas. Nós somos nosso cérebro, assim como também toda a cascata de eventos causada pelo seu poder de prever acontecimentos. O livre arbítrio se parece com uma ilusão porque estamos acostumados a crer que pensamos antes de agir. No entanto, às vezes nosso cérebro move o corpo bem antes de nos tornar conscientes do movimento de pegar a maçã ou afastar-nos da cobra. (BARRETT, 2017, p. 60)

Por meio de previsões e correções o cérebro continuamente cria e revisa os modelos mentais do mundo. Trata-se de uma grande e constante simulação que constrói tudo

o que se percebe, enquanto determinada como se age. Mas, as predições não estão sempre corretas, quando comparadas às entradas de dados reais, obrigando o cérebro a realizar reajustes. Considere a sentença:

“Era uma vez, em um reino mágico que ficava além das mais distantes montanhas, onde vivia uma linda princesa que sangrava à morte”.

As três últimas palavras foram inesperadas? Isso ocorreu porque o cérebro predisse incorretamente, baseado em conhecimentos sobre contos de fadas anteriormente armazenados. Houve um erro de predição, que foi ajustado quase imediatamente baseado nas palavras finais. (BARRETT, 2017, p. 62)

Simulações são previsões realizadas por nossos cérebros na tentativa de mimetizar o que acontece no mundo. A cada momento somos bombardeados por ruidosas e ambíguas informações que alcançam nossos olhos, ouvidos, narizes e outros órgãos sensoriais. Nosso cérebro usa as experiências anteriores para construir hipóteses – simulações –, de modo a compará-las com a cacofonia que chega aos nossos sentidos. Desse modo, as simulações ajudam nosso cérebro a construir sentidos para os ruídos, selecionando o que é relevante, ignorando aquilo que parece não fazer sentido.

A descoberta das simulações cerebrais nos anos 1990, desvelou uma nova era para a psicologia e neurociências. Evidências científicas demonstram que o que vemos, ouvimos, tocamos, degustamos ou cheiramos são em grande parte simulações do mundo, não uma reação a ele. Alguns especialistas acreditam que a simulação é um mecanismo comum não apenas para a percepção, mas também para a compreensão linguística, sentimentos de empatia, memorização, imaginação, sonhos e muitos outros fenômenos psicológicos.

Aqui se encontra algo interessante: agora mesmo, enquanto você lê a palavra ‘maçã’, seu cérebro responde como se houvesse uma maçã real diante de você. Seu cérebro combina pedaços de informações e elementos de conhecimento sobre maçãs previamente vistas e experimentadas por você e acende os neurônios das regiões sensoriais e motoras, de modo a construir a imagem mental de ‘maçã’. Assim, seu cérebro simulou uma maçã não existente usando neurônios sensoriais e motores. Simulações cerebrais (conhecidas também como “conceitos”) acontecem tão rápida e automaticamente como uma batida de coração, diz Lisa Feldman Barrett, em seu livro *How emotions are made: the secret life of the brain* (2017).

Conceitos e essências

Conceitos são vitais para a homeostase humana, embora devamos tomar cuidado, pois se esquecermos que eles não passam de simulações, conduzem-nos para o engano do essencialismo, cuja definição passa pela crença racional na existência de um “mundo essencial”, que forneceria os moldes, modelos e padrões para a existência das coisas e dos fatos da realidade – antigos, medievais e modernos se iludiram ao imaginar que o pensamento humano seria capaz de entrever as coisas em suas essências, quando de fato percebemos apenas simulacros do mundo real.

Muitas vezes, os conceitos nos levam a ver coisas que não estão lá. Stuart Firestein, em seu livro *Ignorance: how it drives Science* (2011), relembrou uma antiga anedota para exemplificar o problema da contaminação de nossos conceitos cerebrais pelo essencialismo. Ele disse que “muitas vezes é difícil encontrar um gato preto num quarto escuro, especialmente quando não há qualquer gato ali”. Este provérbio ilustra muito bem o que significa a ilusão das essências.

A história está repleta de cientistas que buscaram infrutiferamente por uma essência, usando erroneamente os conceitos para guiar suas hipóteses. Firestein cita o exemplo dos cientistas que

pesquisaram a misteriosa substância denominada “éter luminescente”, que deveria preencher todo o universo, permitindo que a luz tivesse um veículo pelo qual se manifestar. O éter era o gato preto, comenta Firestein, que muitos físicos procuraram em um quarto escuro, buscando por evidências que nunca existiram.

Considerações finais

Aqui acima foi possível reunir alguns autores da neurociência e ciências cognitivas, para tecer um breve panorama sobre os mais recentes avanços científicos de suas áreas de pesquisa. Discorreremos sobre novas compreensões acerca da entrada de dados pelos órgãos dos sentidos, as consequências emocionais da interocepção e da percepção, além das atribuições das esferas do inconsciente e da consciência.

Embora não cheguem a um consenso, os autores pesquisados parecem convergir para novas ideias acerca do cérebro, que desmentem ou, pelo menos, alteram antigas crenças que pontificaram ao longo de milênios. A pleora de informações internas e ambientais, que segue dos órgãos dos sentidos até sua seleção pelo inconsciente, desmonta ao menos duas crenças tradicionais: a falta de qualidade das informações disponibilizadas pelos sentidos físicos e a obscuridade do inconsciente, que se acreditava ser um vasto abismo de traumas e instintos grosseiros.

O forte vínculo dos sentimentos com a tomada de decisões pelo inconsciente e pela consciência desmente cabalmente a fantasia da separação entre razão e sensibilidade. A nova abordagem sobre os mecanismos da consciência retirou dela a majestosa coroa que sustentava o mito da nobreza excelsa de seus pensamentos essenciais. Por outro lado, ao sorrateiro e misterioso inconsciente, por milênios acusado de nos fazer perder a alma e a razão, está posta agora a decisiva missão de sustentar a vida do corpo, não apenas garantindo os processos automáticos, como também usinando os melhores pensamentos que garantem nosso sucesso em meio aos ambientes natural e cultural.

No entanto, essas importantes revelações da ciência contemporânea nos tornam mais responsáveis diante do indivíduo e da cidade humana (*pólis*). A superação de crenças milenares que sustentaram fortes preconceitos contra a percepção e o próprio corpo, demanda a construção de outros valores civis para preencher o vazio cognitivo e ético em que nos encontramos na atualidade.

A sensibilidade, a percepção, a interocepção e as instâncias do inconsciente foram alçadas ao mesmo status da consciência racional, reivindicadas pela ciência e filosofia – vale dizer que o pensamento estético e o pensamento lógico agora se equivalem. Agora precisamos considerar em alto grau a experiência do corpo no mundo, os sentimentos, emoções, pulsões e paixões como fundamentos da cognição – a sensibilidade e a razão são frutos da mesma circuitaria cerebral que compreende tanto equações lógicas, como experiências estéticas.

REFERÊNCIAS

BARRETT, L. F. *How emotions are made: the secret life of the brain*. Boston: Houghton Mifflin Harcourt, 2017.

CLAXTON, G. *Intelligence in the flesh: why your mind needs your body much more than it thinks*. Londres: Yale University Press, 2015.

DAMASIO, A. *A estranha ordem das coisas: as origens biológicas dos sentimentos e da cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

EAGLEMAN, D. *Incognito: the secret lives of the brain*. New York: Random House, 2011.

NORRETRANDERS, T. *The user illusion: cutting consciousness down to size*. New York: Penguin Books, 1998.

SACKS, Oliver. *Seeing Voices: A Journey Into the World of the Deaf*. Oakland: University of California Press, 1989.